

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 97
12 de março de 2011

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos, sejam bem-vindos. Eu queria hoje aqui inaugurar uma nova etapa do nosso curso porque até o momento o que estive tentando fazer foi dar a vocês uma série de motivos de inspiração para uma vida de estudos filosóficos. Então, a partir de agora, nós vamos começar uma etapa que tem mais a ver com a aquisição da cultura filosófica, ou seja, da informação histórica necessária para uma compreensão mais adequada do panorama filosófico em geral.

Eu adiei o mais possível o ingresso nisso porque, quando as pessoas pretendem estudar filosofia, a primeira pergunta que elas fazem é: que livros eu devo ler? E a mim me parece claro que entrar na filosofia somente por meio das leituras é uma coisa muito deficiente, a não que você tenha uma queda especial para aprender sozinho. Mas o melhor realmente é você ter convivência com um filósofo que está em formação, que está desenvolvendo as suas idéias, e você acompanhar aquele movimento, como Platão acompanha os desenvolvimentos de Sócrates, e Sócrates, os de Platão.

Num ensaio muito célebre, Leo Strauss diz que todo mundo que aprendeu alguma coisa em filosofia aprendeu com alguém, que aprendeu com alguém, que aprendeu com alguém, que aprendeu com alguém, que aprendeu com alguém, que não aprendeu com ninguém. Então ele diz que, quando a tradição se rompe, às vezes aparece alguém capaz de restaurá-la como se fosse do nada por ter, junto com a vocação e o talento filosófico, outro talento especial muito peculiar que é o do que nós chamaríamos autodidatismo, talvez – embora não corresponda exatamente ao conceito que isso tem no Brasil.

Esta capacidade para o autodidatismo não é exigível de ninguém e não tem nada a ver com talento filosófico; é uma coisa totalmente separada. Eu tenho essa capacidade, sempre tive: a maior parte do que aprendi, aprendi sem muita ajuda, embora não possa dizer que não tenha recebido ajuda nenhuma; ao contrário, eu tive bons professores de algum modo. Mas nenhum que eu pudesse acompanhar durante muitos anos. Eu não recomendo que esse exemplo seja seguido por ninguém precisamente porque o talento para isso é uma coisa específica que nada tem a ver com a capacidade para a filosofia. Os dois maiores filósofos da humanidade, Platão e Aristóteles, não tinham esse talento: um aprendeu com Sócrates e o outro aprendeu com Platão.

Se no Brasil houvesse uma atividade filosófica muito intensa, então você poderia escolher num catálogo quais os filósofos que lhe interessa acompanhar mais pessoalmente, de modo que você não chegue ao conhecimento das idéias dele só por obras escritas prontas, mas que você acompanhar diretamente o desenvolvimento, o esforço que ele vai fazendo e a sucessão das descobertas, quer dizer, o filósofo em formação. Isto aqui é muito mais importante do que você ler os livros. Então eu tomei os primeiros dois anos do curso justamente para que vocês pudessem observar isso. Quer dizer, vocês estão aí me assistindo e vocês estão me vendo lutar com as dificuldades, tentar resolver os problemas e tentar encontrar a verdade no meio de uma série de obscuridades. Em suma: vocês estão vendo a filosofia como um processo existencial que é vivido por um determinado indivíduo, de modo que vocês participem de algum modo do processo e inaugurem, portanto, a sua própria busca. Eu creio que essa é a única maneira de ensinar filosofia.

Agora, a aquisição da cultura filosófica é outro negócio completamente diferente. Para isso, não é necessário nem mesmo um filósofo, quer dizer, um simples professor de filosofia pode lhe indicar uma série de leituras, fazer uma série de resumos, analisar alguns textos e mostrar para você mais ou menos como se lê aquilo. Então, realmente isso não é o essencial. Mas, não sendo essencial, é indispensável agora para o prosseguimento do nosso trabalho. Então quer dizer que as tão famosas leituras agora vão ter de começar. Vocês pediram, agora aguentem.

Essas leituras vão se dividir basicamente em dois tipos. Eu me inspiro para isso no livro do Pe. Antonin Sertillanges, *A Vida Intelectual*, onde ele divide a leitura em quatro tipos. Ele diz: existem as leituras formativas, as leituras informativas, as leituras inspiracionais e as leituras de mera diversão. A parte inspiracional não será necessária porque foi justamente o que eu tentei transmitir a você durante esses dois anos: transmitir inspiração, despertar a curiosidade, despertar a vocação filosófica, fortalecê-la, inclusive fortalecer também as personalidades, o caráter dos alunos para que percebam o tipo de fibra, de constância, de obstinação que é necessária para você encontrar algo da verdade.

Então, sobram-nos os dois primeiros tipos de leituras: as formativas e as informativas. Isto quer dizer que alguns livros filosóficos serão lidos como modelos de técnica filosófica que você deve incorporar. Não só modelos de técnica filosófica, mas também modelos ou de idoneidade ou modelos de clareza, ou até de genialidade filosófica. Então são livros que vocês vão ter de imitar não no seu conteúdo — isto não quer dizer que você vai ter de subscrever cada uma das conclusões dos autores —, mas são livros que mostram um procedimento filosófico digno de ser imitado, ou seja, uma maneira exemplar de colocar as perguntas fundamentais e de buscar as suas respostas.

Há outros livros que não são exemplares nesse sentido e que, em alguns casos, podem constituir até antiexemplos, ou seja, seriam quase que, em alguns casos extremos, casos ou de má filosofia ou até de antifilosofia ou de

pseudofilosofia mas que, como adquiriram um prestígio, e têm muitos leitores, e desempenharam uma influência no curso da história, têm de ser conhecidos de algum modo.

No caso dos primeiros, a leitura direta é obrigação estrita. Leitura direta, lenta, muito atenta e meticulosa. E, mais ainda: essa leitura tem de ser repetida várias vezes. Existem livros filosóficos que você deve ler vinte ou trinta vezes no curso da sua vida porque eles nunca cessaram de lhe dar alguma coisa. No caso dos livros do segundo tipo, às vezes não é nem necessário a leitura direta, é necessário uma informação que você pode obter em livros da história da filosofia ou em ensaios menores que resumam o que aqueles autores estão dizendo.

Com isso aí você vai acumular certo material, e esse material então vai dar uma substância e um peso a tudo o que nós falamos até aqui. Quer dizer, tudo o que eu tenho tentando mostrar para vocês do que é a atividade de um filósofo passa a poder ser imitado por vocês, não apenas de maneira esquemática, mas mediante um envolvimento pessoal nas questões.

Uma coisa que nós temos de evitar de qualquer modo é a filosofia como disciplina acadêmica. No momento em que começamos [10:00] a perceber todo o dano que a estruturação da atividade filosófica numa profissão e, depois, numa profissão estatal trouxe ao próprio exercício da filosofia, então nós sabemos que não é por aí que nós temos de ir.

Toda esta atividade acadêmica já está numa crise monstruosa há algumas décadas. E o fato de que os pensadores mais fortes, mais criativos, mais ricos, mais interessantes estejam ou à margem da instituição filosófica ou ocupem nela um lugar muito modesto — às vezes propositadamente modesto como no caso de Eric Voegelin, que fugiu do circuito da *Ivy League* e escolheu lecionar na Universidade da Louisiana porque ali teria menos atividade social e teria mais tempo para o estudo; ou, em outros casos, foram vítimas de uma situação política como Xavier Zubiri, que foi expulso da Universidade de Madri pelo governo franquista e que teve de lecionar em sua casa durante quarenta anos, sendo praticamente toda a sua obra só publicada depois da sua morte — então esses casos nos ilustram que há algo de errado, não sei exatamente o que, mas há algo de errado com a filosofia como atividade acadêmica.

Também há algo de errado com a filosofia enquanto atividade de mídia, quer dizer, de participação nos debates públicos, formando então a figura daquilo que hoje se chama propriamente o intelectual. Veja que um estudioso profissional de alguma área, um geógrafo ou um economista, não é chamado intelectual; intelectual é somente o sujeito que dá palpite nas grandes questões públicas. Embora muitas vezes nós não tenhamos como nos abster de dar palpite nessas questões públicas, eu acho que o fato de que essa parte da atividade seja aquilo que define o intelectual hoje é uma coisa extremamente grave. Quem inventou o conceito e o papel de intelectual foram aqueles *philosophes* do século XVIII — Diderot, Voltaire — cuja contribuição à

filosofia é realmente nula, mas que, pela sua influência pública, alcançaram uma importância histórica absolutamente formidável.

Embora nós possamos participar da filosofia como uma atividade acadêmica ou da filosofia como debate público, nós temos de ter muito claro que nenhuma dessas coisas é a filosofia. A filosofia é uma maneira de ser, é um estilo de vida, é uma norma de vida, é uma regra de vida e, portanto, é uma atividade muito séria que deve envolver a sua pessoa inteira, a sua personalidade, e não somente um papel social que você exerce ou mesmo uma ou outra faculdade cognitiva em particular. Quer dizer, se não há um envolvimento da pessoa inteira e, sobretudo, se este envolvimento não diz respeito a você na sua solidão, mas, ao contrário, somente se traduz na sua atividade pública, então tudo isso é uma coisa de uma vacuidade deplorável.

Quando falamos de dois tipos de leituras, é claro que eu tenho de fazer uma seleção dessas leituras em vista daquilo que me parece exemplar. É claro que eu posso estar enganado, eu posso ter deixado de prestar atenção em alguém que é muito importante, eu posso ter dado atenção a quem não é importante assim. Mas como se trata de passar antes de tudo um exemplo vivo, então só posso fazer precisamente isso, quer dizer, recomendar a vocês as leituras que para mim tiveram uma importância formativa e que podem trazer o mesmo benefício a vocês.

Quanto àqueles que são antiexemplos, o motivo de eu assim os classificar ficará claro no próprio decurso das leituras. Mas eu acho que para catalogar um indivíduo como um filósofo, como um antiexemplo pedagógico, eu acho que o primeiro requisito é que o indivíduo demonstre não dominar a técnica filosófica, quer dizer, não saber como colocar uma questão. Isso quer dizer que ele se deixa levar pelo sentido que os termos têm quando usados sem uma prévia análise crítica-filosófica e de tal modo que uma figura de linguagem passa como se fosse um conceito.

Claro, todos nós usamos figura de linguagem e é absolutamente impossível você se comunicar sem figuras de linguagem. Porém, entre o que é uma figura de linguagem e o que é um conceito filosófico-científico a distância é enorme. E se o filósofo, se o autor, não tem consciência do nível de significação que ele está empregando as palavras, então certamente ele não tem muita consciência do que está fazendo, ele não sabe o que está fazendo, ele não tem domínio da situação, embora possa muitas vezes ser um autor muito impressionante sob outros aspectos. Por exemplo, um indivíduo pode ter uma grande riqueza de perspectivas, pode ter uma erudição formidável e pode ter tocado em pontos essenciais do panorama filosófico que foram ignorados às vezes por filósofos muito melhores do que ele.

Por exemplo, quando Giambattista Vico, no século XVIII, pronuncia aquela famosa regra de que nós só conhecemos perfeitamente bem aquilo que nós mesmos fizemos, e desloca então a hierarquia de importância das ciências, colocando no topo delas a história, porque a história é a narrativa do que nós fizemos, ao passo que, por exemplo, a física é a descrição do mundo que não

foi feito por nós, quer dizer, nós não estávamos presentes quando apareceu o mundo, então nós só podemos conjecturar a partir do produto pronto as suas causas ou as suas origens. Mas na história nós temos uma afinidade direta com os seus agentes e nós podemos imaginariamente reconstruir a série inteira da suas motivações e ações, então podemos chegar a um nível de compreensão muito maior do que podemos ter na física ou na geografia ou coisa assim.

Então, Giambattista Vico não é um primor de técnica filosófica. Sob muitos aspectos, é um sujeito deficiente, confuso, a toda hora ele toma figuras de linguagem como se fossem conceitos rigorosos — ele faz isso o tempo todo —, e, não obstante, ele percebeu uma coisa que não digo que ninguém tivesse percebido, mas que ninguém deu a importância que ele deu. Então o que fazer com este caso? O que você precisa absolutamente conhecer de Giambattista Vico? Alguma coisa você precisa saber e precisa saber qual foi a contribuição dele, mas você realmente não precisará dedicar meses ou anos da sua vida a ler Giambattista Vico, a não ser que você queira desenvolver algum estudo específico sobre aquilo. Ou seja, a leitura atenta e aprofundada de Giambattista Vico não faz parte da formação filosófica.

Se for para selecionar algumas leituras, então, seguindo uma ordem cronológica, nós vamos fazer a seguinte coisa: por um lado, vai haver uma sequência de leitura – livros que eu vou sugerir para vocês e que nós vamos dar, sei lá, quinze dias, vinte dias para a pessoa ler aquele livro e voltar com o livro lido, de modo que ela saiba do que eu estou falando. E quando eu digo livro lido é para ler inteirinho, incluindo prefácio e índice porque as pessoas têm mania de pular prefácios, e índice, então, nem se fala. [20:00] Então por um lado vai haver uma sequência de leituras. Por outro lado, tem de haver a aquisição de algum conhecimento histórico.

Eu sugeriria, para isso, que vocês ouvissem todas as minhas aulas do curso *História Essencial da Filosofia* e, tendo ouvido, eu vou comentá-las, e completá-las, e corrigi-las aqui. Aquele curso foi feito meio às pressas, nós tínhamos acho que uma hora e pouco de gravação, tudo tinha que ser muito compactado e, evidentemente, ficou faltando muita coisa. Depois eu repeti esse curso no Paraná de maneira muito mais meticulosa, fazendo o que nós vamos fazer aqui: o pessoal assistia à fita ou o DVD e depois eu tinha três, ou quatro, ou cinco, ou seis, ou às vezes oito horas para desenvolver aquilo e completar os dados faltantes e explicar quais os pontos quais os pontos que ainda estavam obscuros, e que estavam obscuros até para mim, e qual seria mais ou menos o *status quaestionis* com relação a cada um daqueles filósofos hoje.

Nós não vamos ter essas sete ou oito horas aqui. Porém, para facilitar as coisas o que eu vou fazer? Eu vou colocar na página do Seminário as gravações da *História Essencial da Filosofia*, de preferência na sua versão paranaense. Se não a tivermos, usaremos a versão paulista que foi a mais breve e a menos caprichada de todas, na verdade. Foi a única que editada e publicada, mas não é aquela que eu considero a melhor.

Também é preciso ver que, naquilo que nós vamos fazer, o nosso interesse não é aquele que dirigiu a produção da *História Essencial da Filosofia*. A idéia da *História Essencial da Filosofia* era, como o próprio nome diz, a de tentar discernir ao longo da história da filosofia o que há de constante, o que permite chamar todas essas coisas de filosofia. Se não houvesse uma estrutura constante, então a história da filosofia seria apenas a história de muitas coisas às quais as pessoas, com ou sem razão, deram esse nome. Então a hipótese que eu partia ali era a seguinte: eu perguntei como surgiu a filosofia na história humana. E me pareceu que a filosofia só adquire uma consciência de si, só adquire uma identidade consciente e declarada a partir de Sócrates.

Então, a filosofia se apresenta, não como uma disciplina pronta, não como um conjunto de conhecimentos a ser transmitido, mas, em primeiro lugar, como uma investigação, ou seja, uma série de perguntas. E, em segundo lugar, ela se apresenta como uma ambição, ou plano, ou projeto, de continuar investigando essas perguntas até o último limite das possibilidades humanas, sendo que cada filósofo sabe que vai morrer antes de ter respondido todas as perguntas. O próprio Aristóteles, que foi o homem de maior cultura no mundo antigo, escreveu um livro inteiro que se chama *Perguntas* que é constituído de uma lista de perguntas: E isto? E aquilo? E aquilo outro? E aquilo outro? E aquilo outro? Então, são milhares de perguntas que ele mesmo sabia que ia deixar sem resposta, mas cuja investigação faz parte do próprio projeto filosófico. Então a filosofia aparece, em primeiríssimo lugar, como um projeto proposto por um determinado indivíduo chamado Sócrates a um grupo de pessoas que aceitaram aquele projeto e continuaram trabalhando naquela direção. Então, em princípio, só é legítimo chamar de filosofia as atividades que visam a participar desse projeto.

Ao longo da história, porém, você vai observar que se deu o nome de filosofia a muitas atividades que não visavam absolutamente a isso, mas que visam ou a desviar a discussão para outros temas, ou a impugnar aquela maneira de investigação e propor outras em lugar delas, ou a negar a importância, ou o valor, ou a viabilidade das perguntas filosóficas, ou até, como no caso de Nietzsche, a impugnar a filosofia como um todo. Ora, todas essas outras atividades por interessantes ou respeitáveis que sejam só merecem o nome de filosofia no sentido em que um sujeito que coloca uma bomba num edifício merece o nome de arquiteto. Quer dizer, se a filosofia é uma atividade bem definida desde o início como um projeto a ser prosseguido, aqueles que não querem participar do projeto, aqueles que não gostam dele, aqueles que o impugnem, claro que fazem parte da história desse projeto, mas não fazem parte como participantes do empreendimento. Assim como, por exemplo, a história de um teatro pode ser interrompida porque houve uma guerra, porque o diretor do teatro morreu e essas coisas evidentemente entram na história do teatro, mas elas não são teatro, elas são outra coisa. Essa é uma distinção muito elementar e eu simplesmente não entendo porque nenhum historiador jamais a fez. Talvez porque achasse que isso ia empobrecer o panorama da filosofia.

E também eu admito que muitas dessas atividades que foram parafilosóficas, metafilosóficas ou antifilosóficas às vezes vêm com um teor irônico onde de certo modo a negação da filosofia é uma maneira de praticar a filosofia. Então nesse sentido algumas dessas obras e correntes de pensamento podem ser absorvidas na história da filosofia, mas só parcialmente. Por exemplo, quando Karl Marx diz “Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo, mas agora nós vamos transformá-lo”, isso quer dizer que toda a atividade de séculos que a filosofia veio a desenvolver numa direção é voltada para uma outra direção completamente diferente: vamos parar de fazer isso e vamos fazer aquilo.

Embora a proposta inicial de Karl Marx tenha alguma importância filosófica como crítica da atividade filosófica milenar, dificilmente a continuação da sua atividade pode ser aceita como parte da história da filosofia. Por exemplo, quando Stalin assaltava trens na Rússia para financiar o Partido Comunista, ele podia achar que isso era uma atividade filosófica, mas dificilmente Sócrates concordaria com isso. Então quer dizer que as extensões, o crescimento quase vegetativo do movimento comunista não faz parte da história da filosofia, mas a não ser como um elemento estranho, um obstáculo ou um movimento opositivo que, por isso mesmo, pode ser integrado na história da filosofia como matéria de investigação filosófica, mas não como forma de atividade filosófica.

Mas, nesse sentido, qualquer acontecimento pode ser integrado na história da filosofia como fornecedor de temas para meditação. Por exemplo, quando houve no século XVIII o famoso Terremoto de Lisboa, muitos filósofos, diante daquele horror todo, se colocaram o problema da teodicéia, da justificação de Deus, falaram: se Deus é bom, como é que Ele permite uma coisa dessa? Isto é um tema de discussão filosófica, o que não quer dizer que um terremoto seja um acontecimento filosófico em si mesmo. Então isto quer dizer que se o marxismo, ou a psicanálise, ou outras correntes de idéias às vezes podem ser integradas na história da filosofia, elas são integradas apenas como fornecedores de matéria para a reflexão e não apenas como atividade propriamente filosófica. Porque, nesse sentido, se você começa a abrir a história da filosofia para o pensamento em geral, para a indústria de opiniões de modo geral, então a coisa não tem mais limites e a história da filosofia passa a ser a história das idéias e a filosofia perde qualquer definição própria.

[30:00] Então, é claro que existe aí uma tensão entre o projeto filosófico e os elementos que o circundam, o enfraquecem, o impugnam ou de certo modo o enriquecem por acidente. E foi justamente elaborando esta tensão que eu procurei desenvolver ali o sentido de uma essência de uma filosofia que continuava ao longo do tempo. Não o tipo da essência metafísica, não estou falando de uma essência metafísica que paira acima da história e que molda os acontecimentos históricos para além das intenções dos seus agentes. Eu não estou falando disso, eu estou falando de uma intenção explícita que é aceita por certas pessoas e que, na medida em que essas pessoas aceitam participar do jogo, elas estão continuando o projeto socrático e, nesse sentido, estão dando prosseguimento consciente, deliberado, voluntário da história da filosofia.

Mas aqui, no nosso curso, nós não estamos tão interessados na unidade da história da filosofia, não é esse o nosso objetivo. Nós estamos mais interessados é na formação dos filósofos. Claro que uma coisa não exclui a outra, mas há uma diferença de acentuação. No curso *A Historia Essencial da Filosofia*, eu procurei traçar o mais rapidamente que eu pudesse o fenômeno da continuidade do projeto socrático, dizendo que era ele a única coisa que permitia falar de uma história da filosofia, ou seja, de uma identidade temporal da filosofia. Ou seja, existe uma história da filosofia porque tem certas pessoas que, de tempos em tempos, aceitam participar do projeto filosófico e continuá-lo. Se as pessoas decidirem fazer outra coisa, a história da filosofia acaba ou então nós passaremos a chamar de filosofia coisas completamente diferentes do seu projeto originário, ° não havendo motivos para fazer isso como não existe motivo para você chamar de arquitetura a destruição de edifícios e monumentos, embora de algum modo isso também faça parte da história da arquitetura. Se o sujeito constrói um belíssimo edifício e depois vem uma bomba e destrói tudo, é um episódio na história da arquitetura, mas não é arquitetura. Assim como a morte de um filósofo faz parte da história da filosofia, mas não é filosofia. Por exemplo, o sujeito chega e dá um tiro no filósofo ou o mete num campo de concentração, isso faz parte da história da filosofia, mas não é filosofia. Então, ali o objetivo era esse.

Sem excluir esse objeto, ao contrário, absorvendo-o dentro do nosso campo de interesse, nós temos um segundo interesse maior que é o do efeito pedagógico que esse estudo pode ter sobre vocês. Então, evidentemente, a parte histórica entra como fornecedora de subsídios, a acentuação tem que ser colocada na leitura das grandes obras modelares. Obras modelares são aquelas nas quais um filósofo mostrou o seu poder de colocar questões e fazer com que a clareza do conhecimento prevalecesse por instantes sobre a nebulosidade do real e fazer com que, por instantes, a inteligência brilhasse por cima das trevas do mundo. É um brilho fugaz. Por quê? Por uma simples razão: Platão dizia que só aquele que é capaz de apreender o todo merece o nome de dialético. Ora, a dialética é o método filosófico essencial, segundo Platão, portanto, merece o nome de filósofo. Ou seja, você não é capaz de dialetizar, se você não percebe o todo e, dentro dele, os vários aspectos contraditórios das questões. Ou seja, se você não percebe o todo, você não percebe as dificuldades. Porém, quem pode perceber o todo senão Deus? Isso quer dizer que ninguém mereceria realmente o nome de dialético, a não ser o único dialético: Deus.

Mas, no entanto, a existência mesma da filosofia prova que algo dessa apreensão do todo os seres humanos são capazes de alcançar e que, portanto, a atividade filosófica é de certo modo uma atividade inspirada por Deus, inspirada pelo Espírito Santo. Mas, como toda a inspiração que nós recebemos, ela não é permanente, é intermitente e é parcial. Os homens recebem, por assim dizer, têm esses momentos de inspiração, na qual eles percebem muito mais do que são capazes de dizer, e procuram de algum modo transmitir aquilo de maneira que outras pessoas possam refazer a experiência e beneficiar-se, se possível, da mesma inspiração. Quer dizer que aquilo que começou com uma inspiração deve completar-se com outra inspiração.

A sua inspiração, a inspiração que você vai receber, dificilmente coincidirá no todo com aquela que o filósofo teve. Quer dizer, vocês vão falar sobre as mesmas coisas, mas em ângulos diferentes, em épocas diferentes, em situações diferentes e, sobretudo, com uma escala de interesses que pode não ser exatamente a mesma. Mas, enquanto a leitura e o estudo da obra filosófica não abrir você para essa inspiração, o serviço não completou. Isso quer dizer que aquelas intuições que o filósofo teve e que ele, com enorme trabalho, procura de algum modo traduzir num tecido verbal, que é necessariamente incompleto e imperfeito, isso é que deve ser o ponto no qual vocês devem prestar atenção. É disto que se trata. É claro que a apreensão disso supõe que você atravesse a malha do texto e que não se deixe atrapalhar em dificuldades meramente linguísticas.

Porém, note bem, o texto é apenas um objeto feito por um ser humano. A filosofia não pode estar no texto, isto é impossível. Nenhum texto filosófico, por mais perfeito que seja, pode conter a filosofia de um filósofo. A filosofia foi aquilo que ele percebeu. A filosofia é a busca em que ele se empenhou e os momentos de inspiração e iluminação que ele teve, quer dizer, são atos cognitivos reais praticados por um ser humano de carne e osso e que outro ser humano de carne e osso também pode repetir se preencher as condições requeridas para isso.

O texto, às vezes, é até um certo impedimento. Na mesma medida em que ele abre uma série de canais para que você repita a mesma experiência, ele também dificulta. As habilidades verbais do filósofo, por assim dizer, literárias, nem sempre correspondem ao seu talento filosófico originário. Houve filósofos importantíssimos que jamais conseguiram escrever nada à altura das suas grandes intuições: o próprio Sócrates foi um deles. No século XX, nós temos esse exemplo maravilhoso do filósofo romeno, Petre Tutea, um gênio fantástico. Emil Cioran dizia: “Foi o único que eu conheci”. [40:00] E Tutea escreveu muito pouco e a maior parte daquilo que ele tinha a dizer, ele realmente disse, foi coisa que ele explicou aos seus amigos, discípulos por assim dizer. Existem alguns vídeos do Petre Tutea no *Youtube*.

Tutea escreve-se T-U-T-E-A. O “t” em romeno, quando tem o sinalzinho embaixo, vira “tsi”, então escreve-se Tutea, mas lê-se “tsutsea”.

Então procurem lá Petre Tutea, vocês vão ver. Tem um que foi recentemente traduzido pelo Tudor Monteano e que foi gravado quando Tutea já estava às portas da morte. E existe outro em que Tutea é entrevistado sobre os anos em que ele passou na prisão. Ele ficou 16 anos — em parte na prisão, em parte em prisão domiciliar — e, quando estava preso, sofreu torturas, etc. e etc. E o entrevistador pergunta a ele: “Por que você não conta essas coisas que você passou na prisão?” Ele disse: “Eu não conto porque isso seria uma desonra para o povo romeno” — ele disse isso um pouco antes de morrer. Quer dizer, ele não quis contar nada, não quis se queixar. Ele traz no corpo as marcas do sofrimento, mas ele não quis dizer a respeito. Este silêncio mostra uma atitude moral. Sem você ter o impacto desta atitude moral, você não vai compreender quem foi o Petre Tutea, porque você não conhece o filósofo só pelo o que ele

diz, mas também pelo o que ele faz, porque o que ele faz, vamos dizer, a sua vida real emana da interpretação que ele faz da sua própria filosofia.

Eu já dei esse exemplo: quando Sócrates aceita alegremente a morte, dizendo que ele vai para um lugar melhor, ele mostra que tudo o que ele ensinou sobre a imortalidade era para ele uma coisa muito séria, não era só uma hipótese, não era só uma teoria. E isso nos dá toda uma escala... isso nos dá na verdade a escala inteira de importância das várias idéias de Sócrates. Um filósofo tem muitas idéias, mas nem todas são igualmente importantes para ele, ou seja, ele não crê em todas elas da mesma maneira. Algumas são, para ele, a evidência das evidências, a verdade suprema, outras são possibilidades, são hipóteses, são investigações que ele fez mas ele não está disposto a morrer por elas.

Então, esta é uma pergunta muito importante: de todas as idéias de um filósofo, por quais ele estaria disposto a morrer? Ortega y Gasset dizia que só valem as idéias dos naufragos. Quer dizer, quando o seu navio afundou, você está lá agarrado numa tábua para não afundar, quais são as idéias que ainda sobram na sua cabeça? Aquelas que foram embora quer dizer que não tinham importância nenhuma para você, mas, em alguma coisa, nesse momento você ainda acredita.

É por isso que os textos filosóficos jamais esgotam a compreensão que nós podemos ter de uma filosofia. Certos atos, certos episódios da vida de um filósofo são extremamente importantes para que nós possamos traçar justamente o perfil da hierarquia de importância que essas idéias tinham dentro do sistema por assim dizer deste filósofo.

Eu vou dar rapidamente uma lista de obras que têm um peso formativo. É uma lista mínima, mínima, mínima, mas que são obras que realmente têm uma função modelar. Quer dizer, se você quer aprender a filosofar, você vai ter de fazer como esses camaradas fizeram. O que não quer dizer que sempre chegaram aos melhores resultados. Algumas delas são exemplos de fracassos monumentais, ou seja, exemplos negativos. Como diz uma amiga minha aqui: "Eu não sou inútil, eu sirvo de mau exemplo". Então, tem muitas obras filosóficas que também têm essa importância.

Evidentemente, nós temos de começar com os *Diálogos* de Platão. Não há outro começo possível. E, desses diálogos, evidentemente, a culminação é *A República* e *As Leis* de Platão. *As Leis* são um livro tedioso por entrar em análises meticulosas de questões cuja importância às vezes nos escapa, mas cuja importância real só se revela no fim. *A República* já é mais fácil de ler e ela nos interessa porque, colocando simplesmente a questão do regime ideal, acaba por tocar de passagem inumeráveis questões filosóficas. Então, num primeiro momento a leitura d'*A República* é absolutamente indispensável, leitura com começo, meio e fim.

Talvez não haja livro sobre o qual tenha se acumulado maiores confusões porque as pessoas tentam extrair do livro uma tese, e a tese parece ser à

primeira vista a proposta de uma sociedade ideal. Só que, muitas vezes, as pessoas não leram o livro até o fim e às vezes também não percebem o tom irônico que perpassa todo o livro. Pela maneira de Platão tratar o assunto você vê que ele não leva a sério, de maneira alguma, a proposta da sociedade ideal, ele a trata como uma hipótese do começo até o fim e, no final, a conclusão é que a sociedade perfeita, se fosse montada, não duraria. Não é espantoso que, passados 2.400 anos, as pessoas ainda apontem Platão como o criador da utopia política por excelência? Quer dizer, como é que não são capazes de distinguir entre o que é a investigação filosófica de um tema e a proposta de um determinado regime?

Note bem, a própria *Utopia* de Thomas More também é assim: em nenhum momento, Thomas More aposta na sua utopia. E note que Thomas More morre como um mártir da Igreja, e não um mártir da utopia. Quer dizer, ele estava aqui inventando o regime ideal, mas ele não morreu pelo regime ideal, ele morreu pela igreja da qual ele era um sacerdote. Sem este fato você nunca entender o pensamento de Thomas More, muito menos o de Platão.

E a idéia de que Platão confiasse na proposta de um regime ideal, ela não é totalmente inexata no que se refere ao jovem Platão. Platão começa como um político e ele tem duas enormes decepções: a primeira é que, tendo observado um golpe de Estado que levou ao poder os seus amigos, pessoas ligadas inclusive à sua família, ele logo vê que o novo regime é tão ruim quanto o anterior, ou pior. Em segundo lugar, ele uma vez se transporta a outra cidade, a uma ilha, onde um amigo dele está tentando montar um novo regime e aquilo desaba, e Platão é preso e vendido como escravo. E ele escreve *A República* depois disso, quer dizer, ele está meditando sobre a sua experiência, ele tem algum conhecimento por experiência do que é a construção de um regime na prática e o que é a investigação hipotética de um regime ideal. Ele sabe perfeitamente a diferença entre isso, mas alguns dos seus leitores, como, por exemplo, Sir Karl Popper, não têm a menor idéia disso aí. Quer dizer, ele lê *A República* com um literalismo medonho, o que é sinal de que não leu, é sinal de que chutou.

É claro que os outros diálogos de Platão têm muita importância, mas eu acho que se pode começar com este e muita coisa se pode tirar dali. Sobre tudo, o que vocês devem acompanhar é o modo como [50:00] aquilo vai sendo construído por meio de confrontações dialéticas de hipóteses: e se fizéssemos assim, e se fizéssemos da outra maneira? Quer dizer, é o jogo dialético que importa.

Mas, tanto com relação *A República* quanto com relação aos demais livros que eu vou sugerir, há uma norma que vocês têm de seguir: vocês têm de ler tudo como se fosse obra de ficção, tudo, como se fosse um romance. Isto quer dizer que, primeiro lugar, você tem de praticar aquilo que o Coleridge chamava a *suspension of disbelief*. O que você está assistindo é um drama intelectual da busca da verdade sobre determinados pontos. E você está participando disso exatamente como o espectador de uma peça de teatro participa da peça: você não está envolvido no processo diretamente, mas você está imaginariamente.

Ou seja, você não é Platão, você não é Sócrates e você não é um discípulo de Sócrates nem de Platão, você é um leitor que está chegando lá com 2.400 anos de atraso e você está assistindo aquele drama.

Antes de você poder colocar a questão de se essas idéias correspondem à verdade ou não, você tem de se impregnar delas como possibilidades, exatamente como você se impregna das emoções de um personagem de teatro das quais você não participa de fato na vida real e que não correspondem de maneira nenhuma aos seus próprios sentimentos. Por exemplo, quando você assiste ao filme do Fritz Lang, "M, o vampiro de Dusseldorf", você vê aquele bandido assassino de crianças sendo perseguido por outros bandidos e acuado, naquele momento você participa daquele terror que ele está sentindo. Mas, não quer dizer que você seja um assassino de crianças e que você pudesse realmente participar das emoções dele. Ou seja, é realmente, em primeiro lugar, uma participação estética.

A questão da veracidade ou não deve ser deixada para muito depois, ou seja, você tem de se abrir para aquela experiência: vamos pensar como Platão está pensando, vamos participar disso. Eu não tenho responsabilidade nenhuma no que ele está dizendo, eu não sou culpado do que ele disse, eu não sou autor do que ele disse, eu não tenho nem o mérito e nem a culpa, assim como eu não tenho nem o mérito e nem a culpa pelas ações de um personagem de teatro, mas eu vou participar disso como se fosse um sonho que eu estou vivendo. É desta experiência estética que mais tarde você irá tirar uma compreensão analítica mais adequada, mas só depois que a experiência tiver sido absorvida integralmente.

Então, leia com a disposição de participar da experiência, sem tentar chegar a uma conclusão imediatamente. Não posso dizer sem abster-se de julgar completamente porque o julgamento é quase que automático, mas admitindo que todos os julgamentos que você faça são provisórios e que são apenas elementos com os quais você está compondo a sua experiência daquela leitura. Claro que alguns textos filosóficos facilitam essa atitude que eu estou sugerindo e outros dificultam: é muito mais fácil você fazer isso num diálogo de Platão do que num texto de Aristóteles, evidentemente.

Quando você passa para a segunda leitura, que é justamente a *Metafísica* de Aristóteles, aí você vai ter de fazer um ajuste porque Aristóteles não parece estar construindo uma hipótese, sobretudo, o texto não é montado como um diálogo, ou seja, como uma peça de teatro ° todos os diálogos de Platão são peça de teatro no fim das contas. O que você tem ali são notas que um professor tomou para dar em aula e que, naturalmente, nas aulas ele devia explicar com muito mais detalhe. Então, qual é a atitude imaginativa com que você vai ler isso? Você vai ter de imaginar aquele professor dando aquilo em aula e imaginar o drama intelectual que ele viveu para chegar àquelas conclusões ou para colocar as coisas daquela maneira. Então no caso você tem ali não um diálogo, um monólogo. Mas esse monólogo reproduz um diálogo, por quê? Porque existe uma argumentação, onde existe uma confrontação de hipóteses, e ela sempre está ali presente de algum modo. Isso

quer dizer que o filósofo se desdobrou em dois, um que diz sim e outro que diz não, e ele vai ter de elaborar isso de alguma maneira. De modo que o texto de Aristóteles terá de ser dramatizado. O de Platão já vem dramatizado.

A terceira leitura que eu sugiro são *As Confissões* de Santo Agostinho. Aí a coisa fica muito mais fácil porque é um indivíduo contando a sua história, contando por assim dizer não só a história das suas idéias, mas a história do fundo existencial e quase irracional de onde essas idéias foram se formando. E embora seja um livro de memórias, alguns dos momentos mais brilhantes da filosofia universal estão colocados lá dentro, como, por exemplo, o tratamento que Agostinho faz da questão do tempo. Mas essas todas as questões filosóficas aparecem dentro do tecido do drama existencial do próprio Agostinho, de modo que ali o trabalho de imaginação não é muito difícil.

A quarta leitura: a *Suma contra os Gentios*, de Santo Tomás de Aquino. A *Suma contra os Gentios*, e não a *Suma Teológica*, por um motivo muito simples: o próprio Santo Tomás de Aquino explica que, quando você expõe a doutrina para os fiéis católicos, você conta com a autoridade da Bíblia e com a autoridade da tradição católica a qual você pode recorrer e que tem uma força persuasiva em cima do ouvinte; mas que, quando você fala aos gentios, quer dizer, aos judeus e muçulmanos, você não tem essa autoridade. No caso dos judeus ainda tem o Antigo Testamento, mas é só uma parte, não é a Bíblia inteira, e no caso dos muçulmanos você não tem nada disso, então você tem de se ater a uma argumentação mais puramente filosófica.

A estrutura da *Suma contra os Gentios* é mais ou menos a mesma da *Suma Teológica*: Santo Tomás de Aquino coloca uma pergunta, coloca todos os argumentos a favor de uma resposta, todos os argumentos a favor de outra resposta e vai elaborando aquilo. Então cada capítulo é por si um drama intelectual inteiro. Embora esse drama esteja todo exposto numa linguagem puramente técnica e fria, sem nenhum apelo literário extra, você pode acrescentar alguma coisa na medida em que você consiga conceber as consequências da adesão a uma resposta ou da outra resposta. Quer dizer, se essa fosse a resposta verdadeira, o que disso resultaria para a minha conduta na vida, para o julgamento que eu faço de mim mesmo, para as minhas perspectivas de vida, etc. e etc.

Então embora a linguagem não seja dramática, a estrutura é: a *Suma contra os Gentios*, como a *Suma Teológica*, é uma sucessão de pequenos dramas intelectuais. No momento em que termino o drama, então você tem uma pedra que está ali colocada para servir de fundação a pergunta seguinte, quer dizer, é aquilo que não será mais discutido porque já está respondido. Mas cada vez que resolve uma questão, aparece outra e depois outra, e outra, e outra, e outra, e outra, e outra. Então aquilo que fica fora do drama é o fundamento da possibilidade do próprio drama. O que você vai ter de fazer é simplesmente perceber essa estrutura dramática que está lá colocada e tentar imaginar as consequências existências de uma coisa e da outra.

A quinta leitura é o livro de John Duns Scot, [01:00:00] *De Primo Principio* (O Primeiro Princípio). Esta é uma das grandes obras-primas da metafísica universal e um livro de leitura extremamente difícil. Mas a coisa mais bonita nele é justamente a tensão entre o filósofo enquanto mero pensador humano e o filósofo enquanto receptor de uma inspiração divina — essa tensão está presente em cada linha deste tratado. Então isto vai ter de ser lido de uma maneira muito lenta. É um livro pequeno e é preciso ler com peculiar atenção para este ponto. Quando Platão disse aquilo sobre o dialético, quer dizer, que só aquele que percebe o todo pode ser um dialético, é exatamente isto que você vai ver ali na mente de John Duns Scot. Quer dizer, ele está raciocinando, ou seja, exercendo a razão humana, mas ele está permanentemente aberto para a inspiração que vem de cima: essas duas partes não coincidem totalmente.

A sexta leitura é o *Discurso de Metafísica* de Leibniz, onde você vai ver exatamente a mesma coisa. A sétima é a *Filosofia da Revelação* de Schelling, onde novamente aparecerá a mesma tensão, como por exemplo, a frase: “Não despreze o princípio de identidade porque o princípio de identidade é Deus”. A próxima leitura será somente a Introdução das *Investigações Lógicas* de Edmund Husserl e depois o outro livro de Husserl, *A Crise das Ciências Européias*.

Essas são as leituras fundamentais, as leituras que eu considero modelares, onde você vai ver o máximo da inteligência filosófica possível trabalhando da melhor maneira possível as questões mais difíceis. Haverá uma série de outras leituras paralelas, e também, paralelamente, você vai ter de absorver elementos históricos através dessas gravações da *História Essencial da Filosofia* que eu vou colocar *on line* e dos comentários com que eu vou tentar complementá-la aqui. Isso aqui é o que marca então a mudança de etapa, um *upgrade*, do nosso curso. Evidentemente, ele se tornará mais exigente e vai dar mais trabalho para vocês, mas nós não estamos com pressa de nada.

Naturalmente, vai surgir o problema de em que versão você vai ler essas coisas. Onde houver textos em português, dê preferência ao texto em português. Quer dizer, se você vai ler uma tradução, dê preferência a uma tradução que é feita para o seu próprio idioma e não a que é feita para um terceiro idioma porque você tem duas traduções na cabeça. Se não houver, por exemplo, eu creio que do livro de Schelling não há tradução em português, mas há uma edição francesa maravilhosa e deve haver edições em inglês. Eu vou dar a sugestão de algumas edições para vocês, espero fazer isto até a próxima semana.

Muito bem. Mudando um pouquinho de assunto, eu queria ler aqui para vocês umas notas que eu tomei e que se referem a um fenômeno cultural brasileiro dos mais singulares, para vocês terem a idéia de qual é o ambiente no qual vocês estão penetrando e onde irão exercer a sua atividade filosófica e pedagógica. Talvez eu publique isso como artigo no *Diário do Comércio*, talvez não publique, não sei ainda. O texto chama-se “Autores Desconhecidos”:

A coisa vai-se tornando moda no Brasil: quando não têm mais nada a alegar contra mim, os engraçadinhos apelam ao mais extravagante dos argumentos suicidas, reclamando que cito "autores desconhecidos e obscuros". Essa ostensiva confissão de ignorância parece muito persuasiva àqueles que a emitem, pela simples razão de que se dirigem a outros tão ignorantes quanto eles, os quais a aprovam por automatismo.

Materialmente, no entanto, a objeção não é falsa. Os distintos realmente desconhecem os autores citados, e este desconhecimento é compartilhado pela totalidade, ou quase, da população universitária do Brasil. Isso, aliás, bastaria para explicar por que a instituição universitária supostamente mais qualificada que existe neste país está em 232º lugar na escala das melhores universidades do mundo, abaixo de instituições da Polônia, da Argélia, da Serra Leoa e da Zâmbia.

A hipótese de que ante a citação de uma obra desconhecida o leitor deveria tratar de conhecê-la e verificar se confere com o que digo é coisa que jamais passa pela cabeça dos enfezadinhos. Compreendo isso perfeitamente.

Uma vez, quando disse aos alunos do curso de Administração Pública da PUC do Paraná que um estudioso sério tinha a obrigação de ler anualmente pelo menos oitenta livros da sua especialidade, fui recebido com protestos inflamados contra tão opressiva e tirânica exigência. Os infelizes voltavam-se uns para os outros, com olhos esbugalhados, e repetiam incrédulos: "Oiteeeeeeeeeenta?"

A alegação evidencia também que os referidos não compreendem a citação de autores como indicação de fontes a ser verificadas, mas apenas como *argumentum auctoritatis*, captação de apoio em pessoas de prestígio.

Para esse fim, naturalmente, seria preciso citar apenas autores badalados pela mídia popular, nivelando o meu discurso ao da *intelligentzia* jornalística mediana, com o agravante de que no Brasil a mídia está infinitamente abaixo do padrão internacional. Mas, decerto, não é esse o propósito com que faço citações, como qualquer pessoa de alguma cultura deve percebê-lo à primeira vista e como aliás, por caridade para com os mais burrinhos, já tornei até explícito numa nota de *O Jardim das Aflições*.

Os "autores desconhecidos" que cito classificam-se nas seguintes categorias:

1) Grandes filósofos, reconhecidos internacionalmente, mas desconhecidos no Brasil e introduzidos no meio local por minha própria e única iniciativa. Tal é o caso de Eric Voegelin, Bernard Lonergan, Xavier Zubiri, Eugen Rosenstock-Huessy, Constantin Noica, Lucien Blaga e

muitos outros, sem contar até autores nacionais que o Brasil ignorava, como Mário Ferreira dos Santos.

Em vez de me agradecer por lhes revelar esses tesouros, os desgraçados ficam se roendo de despeito como a raposa ante as uvas da fábula ou tratam de fingir que conheciam esses autores desde muitos carnavais. Um de meus próprios editores agiu assim, por que os demais não haviam de imitar tão dignificante exemplo?

2) Pesquisadores universitários respeitados num círculo de especialistas, mas pouco acessíveis ao público em geral, mesmo fora do Brasil. É até curioso que se levante contra eles a pecha de serem "desconhecidos" porque seus trabalhos pertencem ao tipo mesmo da bibliografia que normalmente aparece em teses universitárias. Acompanhar esses trabalhos nos livros e revistas da profissão é obrigação de qualquer estudioso profissional. [01:10:00] O fato de que sua citação cause espanto mostra que o meio universitário brasileiro perdeu completamente de vista suas mais elementares obrigações – motivo pelo qual, aliás, as teses produzidas pelas nossas universidades vão cada vez mais desaparecendo da bibliografia internacional.

3) Autores cujas obras tiveram ampla repercussão em outras épocas, alguns até mesmo no Brasil, mas que foram injustamente esquecidos. É o caso de M. Stanton Evans, Ivan Ilitch, Arthur Koestler e muitos outros. Pessoas que imaginam que o mundo começou na data do seu nascimento não podem mesmo saber do que aí estou falando. Sua estranheza é a do caipira que imagina que no resto do mundo não há nada que não exista na cidadezinha onde passou a infância.

4) Autores de pouco relevo, mas cujo testemunho deve ser trazido à cena para a exata compreensão dos fatos que exponho. Nesse ponto, qualquer exigência de fama e prestígio é totalmente descabida, porque esses autores são convocados como testemunhas para validar fatos e não como autoridades para apadrinhar minhas opiniões com a legitimidade da fama.

É verdade, pois, que cito "autores desconhecidos". Ingenuamente, sempre imaginei que fosse obrigação do intelectual buscar a verdade onde ela estivesse e descobrir, de preferência, algo que os leitores não sabiam. Vejo agora que, no entender daqueles ranhetas, meu dever seria o de copiar opiniões já fartamente noticiadas e repeti-las com ares de quem dissesse grande novidade.

Vivendo e aprendendo.

Muito bem. Isso aqui é para vocês terem uma idéia de qual é o ambiente no qual vocês estão penetrando. É um ambiente onde o fato de um sujeito desconhecer um autor depõe não contra ele, mas contra quem citou o autor. Não é uma coisa espantosa que isso aconteça? E eu estou falando isso porque

esse negócio virou epidêmico, essa objeção dos autores desconhecidos está pipocando em tudo quanto é lugar na internet.

No começo, eu não entendia do que eles estavam falando, mas agora eu entendo perfeitamente bem. Eu entendo que essas pessoas tomam a sua ignorância como padrão obrigatório do conhecimento. A minha vida toda, quando eu via o sujeito citar um autor que eu não conheço, então no mínimo, no mínimo, eu anotava mentalmente aquilo para depois eu verificar do que se tratava. Com frequência, anotava imediatamente e mais tarde, quando podia, comprava o livro.

Depois que eu mudei aqui para os EUA, onde comprar livros é a coisa mais fácil e barata do mundo, então tão logo eu vejo o negócio citado, eu já encomendo imediatamente: eu vou pagar US\$ 1,00, US\$ 2,00, US\$ 10,00, todo negócio é uma brincadeira.

Mas essa hipótese simplesmente desapareceu. Reparem bem: isso quer dizer que só é considerado válido o argumento em favor do qual você atrai o prestígio de autores que são muito conhecidos na mídia. Mas o que é isso, meu Deus do céu? Então só pode haver três ou quatro opiniões circulantes, sempre as mesmas, referendadas sempre pelas mesmas pessoas. E é exatamente isso o que passa por atividade intelectual no Brasil de hoje. Prestem atenção: isso nunca aconteceu na história do mundo, nenhum povo desceu a esse ponto. Porque as pessoas que falam isso são típicos universitários, não é favelado, não é analfabeto, não é a mãe do Lula.

Agora, pergunto eu: o que nós podemos fazer por essas pessoas? Eu tenho a impressão de que daqui uns anos, quando vocês tiverem uma atividade pública maior, vocês deveriam se dirigir de preferência a populações muito pobres, e de pessoas sem estudo nenhum para você poder começar a educar o sujeito desde o começo. Porque se você vai pegar um desses aleijados mentais universitários, o que você pode fazer com um camarada desse? É só bater no cara. Bater, e não pode explicar porque bateu. Porque tem aquele negócio do Nelson Rodrigues: “Bata na sua mulher, você não sabe por que está batendo, mas ela sabe por que está apanhando”. Mas no caso desses caras, você não sabe por que está batendo e eles também não, e ninguém jamais saberá.

Eu, sinceramente, acho que este é um caso de calamidade intelectual como nunca se viu no mundo. Eu tenho procurado outros casos. Mas, por exemplo, quando a gente estuda todas aquelas descrições sobre a decadência intelectual alemã entre os anos 30 e 40, eu digo: meu Deus do céu, mas a Alemanha quando estava no fundo do poço, comparada com o Brasil, estava como se fosse no alto da Torres Gêmeas ou coisa assim, do Empire States, não tem como você comparar.

Se você pegar a mais requintada estupidez que circulava na Alemanha, vamos supor, as obras de Alfred Rosenberg, que era o teórico da superioridade racial alemã: o livro de Rosenberg está cheio de besteira do começo até o fim, mas você não pode dizer que Rosenberg é inculto, ele leu milhares de livros, ele

estava informadíssimo dos debates na época. Então se você pega o que tinha de mais baixo na Alemanha, ainda tinha um pouco de categoria que no Brasil as pessoas não conseguem ter. Agora, isso é um país de 180 milhões de habitantes. É um negócio muito assustador, não é para brincar com isso.

Vocês vejam, quando os camaradas elegeram o Tiririca para presidente da Comissão de Cultura da Câmara, eu acho que isso aí foi a palavra final: nós não queremos nada acima do Tiririca. E isto é uma declaração oficial de uma entidade que só por isso mereceria ser fechada. Sinceramente, o Congresso deveria ser fechado e todos os parlamentares irem para cadeia por causa disso, porque é evidente que isto não é uma gozação, isto não é uma piada, o negócio é mortalmente sério e é uma declaração de que suas excelências não admitem nada que esteja acima do seu QI 12, está proibido. Então, quer dizer, a opção do Brasil pela ignorância, pela burrice, é uma coisa muito séria.

Quando sai, como por exemplo, a semana passada saiu essa notícia da escala das universidades, estão lá as 10 melhores universidades do mundo, as 100 melhores do mundo, as 200 melhores do mundo, e você vai encontrar a USP lá embaixo. Tem muito poucas universidades abaixo da USP, que é tida no Brasil como a autoridade por excelência. Agora, pergunto eu: que autoridade tem essa gente para autorizar ou vetar o exercício de qualquer profissão universitária? Resposta: nenhuma, nenhuma, nenhuma, nenhuma, nenhuma. É um caso de usurpação por vigaristas declarados e que estão contentes de serem vigaristas, estão contentes de serem analfabetos.

Você pensa que o Dr. Emir Sader tem alguma vergonha de escrever fuzilamento com “s” ou Getúlio com “lh”? Não. Se você provocar, ele vai apelar para aquele negócio de que a gramática é repressiva, é elitista. Quando o sujeito disse isso a primeira vez no Brasil, eu fiquei assustado porque o sujeito achava realmente que você ensinar a mesma gramática para todo mundo é elitismo e que, ao contrário, você ter várias gramáticas, uma para cada classe social, uma para cada grupo, etc. e etc., dificultando a comunicação e a ascensão social e bloqueando os caras na sua classe social de origem, isto que era democrático. O que eu posso dizer disso? Você venceu, meu filho. O Marcos Bagno. Aí é o caso de mandar tomar banho mesmo e mais nada.

Nessas horas é que eu lembro o negócio do William Hazlitt: as desvantagens da superioridade intelectual. Quer dizer, o seu interlocutor é tão, tão, tão burro que não ele não pode entender a sua explicação. Você pode entender a dele, mas ele não pode entender a sua, resultado: ele ganhou. Então nesses casos você tem de partir para as vias de fato, tem de bater no sujeito se você tiver os recursos musculares para isso; se não tiver, então você dá de ombros e vai para casa.

Então é este o meio no qual vocês vão trabalhar. Meditem sobre a dificuldade que vão ter porque vocês vão ter de carregar um elefante. [01:20:00] O que está acontecendo no Brasil não é brincadeira, é um caso de calamidade, requer uma intervenção profunda. E eu não sei sequer se essa intervenção ainda é possível. Mas mais tarde voltaremos [ao assunto].

Então vamos lá, vamos retomar aqui. Nós temos aqui algumas perguntas.

Aluno: Gostaria de saber se quem está atrasado nas aulas ou começou o curso mais tarde deve começar desde já a fazer essas leituras ou deve terminar de assistir a esses dois primeiros anos de curso antes. (...)

Olavo: Deve terminar de assistir aos dois primeiros anos de curso. O que não quer dizer que você tenha de levar dois anos para fazer isso porque você pode assistir a duas ou três aulas por semana, se quiser. Mas faça as coisas no seu ritmo, não precisa se atropelar por isso. Ninguém está com pressa aqui.

(...) Seria bom ler em outras línguas como inglês ou francês para que seja uma leitura mais lenta?

Olavo: Eu não vejo necessidade disso, ao contrário, eu acho que se você não pode ler um texto no original, dê preferência à tradução que seja feita na sua própria língua para não ter uma dupla tradução e não multiplicar os problemas lingüísticos além do necessário.

Aluno: No início da aula de hoje, o senhor disse sobre acompanhar o filósofo em atividade ao procurar e encontrar a verdade. Assim a minha pergunta é a seguinte: como procurar e encontrar a verdade? Como ter essa perspicácia que o professor tem de enxergar o cerne das questões de todos os tipos de áreas? Enfim, quais são as ferramentas que o professor usa?

Olavo: Essa talvez seja a primeira questão filosófica, quer dizer, como você procurar a verdade e em que consiste a verdade propriamente dita. Mas eu acho que a maior parte das pessoas tem algumas experiências decepcionantes na busca da verdade e, por isso mesmo, logo desistem, caindo ou para um cinismo ou para uma acomodação. Mas isso se dá pelo fato de que colocam a questão da verdade no seu sentido mais alto e abrangente antes de ter qualquer prática em buscar verdades pequenas que são acessíveis a eles. Alguma experiência da busca da verdade você sempre tem, não da busca da verdade em geral, da verdade universal, da verdade última, mas de alguma verdade. E é justamente essa prática que vai servir de base ao método filosófico.

Por exemplo, alguma verdade sobre você mesmo você já descobriu. Muitas vezes nós agimos de determinadas maneiras, levados por uma espécie de encenação histérica do momento e depois nós descobrimos quais foram as nossas verdadeiras motivações. Claro que isso é uma coisa humilhante, mas você confessar isso para você mesmo ou para a pessoa que foi objeto das suas ações é uma coisa que lhe liberta de alguma maneira. Então este tipo de prática todos nós temos, quer dizer, é a verdade tomada no seu sentido mais imediato da sinceridade, da confissão do que foi o seu verdadeiro intuito. Ou seja, não se trata de autoconhecimento no sentido abrangente, de você conhecer a sua personalidade como um todo ou você de você saber qual é o segredo da sua vida. Não, não, se você começa por colocar essas perguntas

assim, já falseou a situação, porque se você coloca a pergunta pela verdade, é porque alguma experiência da verdade você tem. E é justamente essa experiência a única base verdadeira que você tem para investigar verdades mais abrangentes.

Quer dizer, quando eu me toquei disso aqui, eu devia ter uns 30 e poucos anos de idade, eu vi que tinha perdido muito tempo colocando questões genéricas e questões bastante altas e abrangentes, sem ter testado a minha musculatura intelectual e moral em questões que estivesse mais ao meu alcance e que tivessem uma importância existencial maior para mim. Por exemplo, se colocam uma pergunta numa discussão em classe ou num debate público, quem disse que essa questão é verdadeiramente importante para você? Você pode ter se interessado por elas simplesmente porque os outros estavam interessados, porque discutir aquela questão traz algum prestígio ou dá impressão de que você está participando de alguma atividade relevante. Mas aí você já falseou a situação.

Então, claro que não existe método infalível para a busca da verdade, mas tem uma série de condições que, se você não preencheu, pode desistir. E a primeira dessas condições é você coincidir com o papel que você está representando, é você encontrar a sua própria voz e você ter a certeza de que você está falando de algo que você conhece, isto é, você mesmo. Se não há essa coincidência do indivíduo consigo mesmo, não há busca da verdade. Por quê? Porque o próprio agente da busca da verdade está falsificado. Então o problema não é como nós vamos encontrar a verdade, o problema é como que nós não vamos trair aquelas verdades que nós já sabemos. Então é isso que eu acho o método da confissão.

E se você reparar bem, você verá que no fundo, no fundo, este é o mesmo método de Sócrates, quer dizer, por trás da dialética socrática havia outra coisa, uma operação interna que ele fazia com ele mesmo, que é a de reconhecer que não sabia o que não sabia. Como é que ele chegou a isso? Quando ele colocava aquelas perguntas para os demais, sabendo que eles não sabiam a resposta, mas que eles apresentariam imediatamente várias respostas inventadas naquele mesmo momento ou apenas respostas costumeiras, habituais, que não tinham sido meditadas, ele só podia fazer isso, por quê? Porque ele tinha uma clareza interior de que ele mesmo não sabia a resposta. E como é que ele chegou a isso? Confessando para ele mesmo, colocando as perguntas para ele e tendo de confessar: eu não sei.

Se você fizer uma revisão das suas opiniões... Eu sugeri aulas atrás que você fizesse essa investigação: como as suas opiniões vieram parar na sua cabeça, por aonde elas vieram? Você vai ver que na maior parte dos casos, elas vieram de fora e você aderiu a elas por simples imitação, porque aquilo naquele momento pareceu harmonizar-se com os seus sentimentos. Então esse sentimento de concordância que você tem com uma opinião qualquer não quer dizer que você saiba nada a respeito. E ao longo do tempo nós vamos colecionando essas opiniões: você adere a uma, adere a duas, adere a três, adere a quatro, no fim você não sabe mais contar a história. Esse gênero que

se chama autobiografia intelectual consiste exatamente em contar a origem das suas idéias, mas na maior parte dos casos as pessoas não sabem a origem das suas idéias.

Só conhecem a origem das suas idéias aqueles que refletiram sobre isto. E esses têm então um princípio de busca da verdade que é a condição primeira. A primeira condição da verdade é a sinceridade. A sinceridade não consiste em você dizer as coisas exatamente como elas lhe passam na cabeça naquele momento. A sinceridade de um momento é só a sinceridade de um momento e na maior parte dos casos ela é puro teatro. A verdadeira sinceridade é interior e não é de um momento, é uma coisa que você sabe por que você meditou, já refletiu, já recordou tudo e você sabe que não pode modificar aquilo.

Por exemplo, comece meditando sobre uma coisa ruim que você fez e que ninguém sabe que você fez. Pode até ser uma coisa boa também, mas a ruim é melhor. Para os efeitos dessa investigação, uma coisa ruim, [01:30:00] vergonhosa, é muito melhor, por quê? Porque esta você tem certeza de que você não contou para ninguém, então só você sabe. Como só você sabe, então essa informação é preciosa para você porque você é o único que tem o critério da veracidade daquilo. E como você é, ao mesmo tempo, o sujeito da narrativa, o sujeito da ação e o objeto sobre o qual você está meditando, você conhece a questão por todos os lados, então você tem a condição de averiguar a veracidade do que você está pensando, então você tem acesso à máxima condição de veracidade possível.

Aquilo que Giambattista Vico disse, que “nós só conhecemos bem aquilo que nós próprios fizemos”, já estava exemplificado nas *Confissões* de Santo Agostinho eu acho que 1.500 anos antes de Giambattista Vico. 1.500 ou 1.400. O método de Agostinho é este: o que eu realmente fiz, o que eu realmente pensei? Então ele se entrega a uma espécie de purificação da sua memória, tentando recordar as coisas como elas realmente foram vividas no momento em que aconteceram e distingui-las das interpretações anteriores que ele fez, sobretudo acréscimos autojustificadores que ele fez.

Veja, a sua ação é uma coisa, os argumentos que você inventou para se defender perante o seu próprio tribunal imaginário são outra coisa completamente diferente. Não estou querendo dizer que esses argumentos sejam injustos ou indevidos, pode até ser verdadeiros, mas não é disso que se trata. Trata-se de você não deixar que os argumentos modifiquem a história. É uma coisa muito simples e você pode fazer esse exercício quantas vezes você quiser porque ninguém vai saber mesmo. Você não vai passar vergonha perante ninguém, a não ser perante você mesmo e Deus.

Mas, quando você começar a sentir muita vergonha disso, procure averiguar também se essa vergonha não subentende uma espécie de público imaginário que estaria olhando você e julgando. E qual é o critério com que esse público o julga? O que eles estão fazendo: estão rindo da sua cara, estão te criticando, estão jogando tomate? Então isso aí, meu filho, é o diabo, então esse é o seu diabo. Então além de conhecer você, você vai conhecer o seu demônio, que é o

acusador. Um acusador que acusa de tal maneira que quanto mais você se defende mais culpado você se sente, mas que não tem saída. Então, ao mesmo tempo em que você conta a verdade sobre si mesmo, você vai descobrir outra dimensão, que é essa dimensão da acusação e defesa interna existe em todo ser humano, quer dizer, é um tribunal, e este tribunal não é justo, este tribunal não busca a verdade, ele busca só inocência e culpa. É só acusação e defesa, e isso nunca termina. Esse tribunal interior no qual você se acusa e se defende, ele é o caminho da falsidade.

Agora, quando você decide contar a história como realmente foi, você tem de se afastar desse tribunal interior e contar a história com toda a sinceridade e sem medo, sem autoacusação nem defesa. Então, isso é confessar-se perante Deus: você está dizendo a verdade mais completa possível perante Deus. E se existe um elemento de vergonha ou de arrependimento, ele não acontece do mesmo modo, ele não vem do mesmo modo que vem daquele tribunal do qual a gente estava falando, porque quando você confessa perante Deus, a acusação e defesa estão ausentes, não tem mais. Você não se confessa para Deus como quem está confessando um crime para um juiz, você confessa para Deus como quem está mostrando um sintoma para um médico. Se você ficar com vergonha de contar os seus sintomas para o médico, ele não vai poder te curar: Deus, a mesma coisa.

A discussão moral interior às vezes é um obstáculo tremendo a que você busque a verdade sobre você mesmo. Prestem bem atenção nisto aqui, é de uma sutileza maravilhosa: você só vai descobrir a verdade sobre você quando você tiver dentro de você a consciência de que a está apresentando para um observador, para um ouvinte justo e bondoso que compreende você melhor do que você mesmo. Aí, sim! Então, você não vai esconder nada dele. E se você tiver alguma vergonha, é aquela vergonha esperançosa, a mesma com que você chega ao médico e confessa que está com gonorréia: você não vai lá para ele rir da sua cara nem te condenar, você está lá para ele te curar. E Deus, a mesma coisa.

Essa busca da verdade sobre você mesmo, quer dizer, a simples narrativa do que se passou: pode testar, experimente isso para ver se eu não tenho razão; se não for assim, você me avise, mas eu tenho certeza que é; você só consegue contar a história verdadeira quando você passa da dimensão do tribunal humano para o julgamento divino. Qualquer busca da verdade tem inspiração divina ali, senão você não consegue. E isso é uma coisa que vocês vão verificar experimentalmente. Enquanto eu estou envolvido no discurso de acusação e de defesa interna, tentando me justificar, quanto mais você argumenta em seu favor mais aparece acusação, isso é batata. Enquanto você está colocando a coisa assim é porque você está pedindo para o diabo te julgar, então você não vai encontrar a verdade por aí. Essa discussão de acusação e defesa nunca vai terminar. É o que a Bíblia chama “pensamentos ociosos”.

Mas quando você passa daí para o tribunal divino, ninguém vai para o tribunal divino para ser julgado, só um idiota pede que Deus o julgue. Você vai ao

tribunal divino para ser perdoado, para sair de lá limpo. Não adianta você fazer diante de Deus um discurso de acusação e defesa, não é isso o que Ele quer, Ele quer a verdade.

Então no curso da sua autodescoberta, você passa de um nível de discurso para outro nível de discurso, e isto vai lhe ensinar mais sobre a busca da verdade do que você ler mil tratados de metodologia científica porque a validade dos tratados de metodologia científica está condicionada por essa verdade prévia. Mesmo no campo das ciências da matéria exige-se do cientista o quê? A sinceridade, quer dizer, a idoneidade do testemunho, que hoje em dia tanto falha. Tem saído livro atrás de livro sobre as fraudes científicas. Então, mesmo num domínio aparentemente neutro como a ciência da matéria existe elemento de moralidade interior que é a narrativa genuína. Para mim, no meu entender, na minha experiência, esse é o método por excelência na busca da verdade, que eu chamo o método da confissão. Não fui eu que descobri, foi Santo Agostinho, muito tempo atrás. E esse método ainda não terminou de dar frutos.

Quando vocês chegarem ao estudo dos textos de Edmund Husserl, vocês vão ver que a base da fenomenologia consiste em descrever um objeto tal como ele se apresenta, ou seja, desprovido dos acréscimos e interpretações que você cobriu ali em cima. Então uma coisa é o que o objeto te mostra, outra coisa é o que você pensa dele. Ora, como Edmund Husserl poderia fazer isso sem ele recordar a experiência do conhecimento do objeto e com máxima sinceridade distinguir o que foi que ele viu e o que foi o que ele pensou? A fenomenologia pode ser um método maravilhoso, mas ela subentende outro método prévio que é o método da confissão, sem o qual ela não seria possível. Então você vai ver, o método de Sócrates é o método da confissão, o método de Santo Agostinho é o método da confissão, o método de Edmund Husserl é o método da confissão e o método de todos os grandes filósofos é o método da confissão com outros acréscimos que depois eles inventaram, mas a base é esta aqui.

Quer dizer, você só vai avançar para saber o que você não sabe, se primeiro você souber o que você sabe. Aristóteles também diz: “a busca do conhecimento vai [01:40:00] do mais conhecido para o menos conhecido”. Então, primeiro, nós temos de declarar o que sabemos e, evidentemente, como o sujeito do conhecimento é como a lente através do qual você está vendo, então tem de limpar a lente porque senão você em vez de ver o objeto você está vendo as manchas da lente. Então, nós temos de nos limpar para poder ver as coisas como elas são. Como é limpar? É fazer com você a mesma coisa que Edmund Husserl fazia com os objetos na fenomenologia: é distinguir entre o que aconteceu, entre o que é a sua realidade e quais são as interpretações com as quais você encobriu aquilo ou até deformou aquilo. Não que as interpretações sejam ilegítimas, mas o simples fato de confundir interpretação e fato já é uma deformidade.

Por exemplo, a própria noção de fato... Olha, eu tenho certeza, de tudo o que eu tenho visto, por exemplo, quando você vê discussões no Brasil, as pessoas

não sabem o que é um fato, não têm a menor idéia, elas acham que qualquer coisa na qual elas crêem é um fato. Ao passo que a própria palavra “fato” significa aquilo que foi feito e que não pode mais ser desfeito; pode ser modificado no futuro, mas desfeito... Aquilo que acontece não pode desacontecer. Se um fato não tem esse elemento de imodificável, então não é um fato de maneira alguma. Por isso que tem essa expressão “o fato consumado”, quer dizer, já foi completado, não tem [mais jeito]. Por exemplo, o sujeito matou um cara, deu um tiro no fulano, ele está morto de uma vez para sempre. Então, aquilo que é modificável não pode ser considerado um fato ainda, é um fato que está se produzindo e que pode tomar uma direção ou pode tomar outra ou então que você não conhece, você só sabe aquilo que já está, por assim dizer, fechado. Mas embora haja linhas factuais que fecham, terminam e se encerram de uma vez para sempre, o processo do acontecer sempre continua. Então, não confundir entre o que acabou e o que continua.

Por exemplo, você já parou para encarar atitudes que você tomou e que fecharam uma oportunidade de uma vez para sempre, *para sempre*? Quem não sabe o que quer dizer a expressão “para sempre” está fora da realidade. Quando você é adolescente, o mundo para você é como se fosse uma matéria plástica, tudo é possível porque você não viu nada terminar ainda. Mas existem atos que fecham situações para sempre. Então, você meditar sobre isso: eu fiz tal coisa e com isto, por exemplo, eu fechei uma porta para mim para sempre, eu não tenho como voltar lá. Então estes atos fazem um destino. E se você não sabe quem foi o autor desses atos, então você não sabe nada a seu respeito.

A nossa tendência é julgar tudo na base do discurso de acusação e defesa, então você diz que a culpa do que lhe aconteceu às vezes você acha que você é culpado de tudo, às vezes você acha que você é uma vítima inocente e que a culpa foi toda dos outros. Mas é claro que essas duas idéias são besteiras: nem você pode ser culpado de tudo, nem você pode ser sempre inocente, não dá para fazer isso. Então, não se trata de culpa ou inocência, mas trata-se da narração efetiva, quer dizer, eu produzir certas consequências no meu destino que eu não posso fazer voltar atrás; e dessa não adianta eu lançar a culpa nos outros e não adianta nem mesmo me culpar. Por quê? Isso aí já é o fato consumado. E julgar o fato consumado para condená-lo ou louvá-lo é pura perda de tempo, é a mesma coisa que você amaldiçoar a chuva, amaldiçoar um terremoto.

Isso que dizer que —presta atenção, isso é fundamental no entendimento desse processo — aquelas suas ações que fecharam portas de uma vez para sempre, elas estão para você como a natureza exterior, a natureza física está. Elas já não fazem mais parte do seu processo interior, elas se materializaram, então, elas são externas a você, elas fazem parte do quadro imutável da sua vida. Se você cometeu algum ato extremamente grave, por exemplo, você matou uma pessoa — espero que nenhum de vocês tenha feito isso e não façam jamais, eu também nunca fiz, mas é um caso extremo — você não pode devolver a vida àquele indivíduo, então fato de que você fez isso e você se tornou um assassino de uma vez para sempre, ele está para você como a natureza externa: você não pode modificá-la e tem o peso do determinismo

externo. Claro que atos de menor gravidade também podem ter as mesmas consequências. Então, na sua vida, quais atos fecharam situações e não podem ser modificados? Então, isso aqui é um elemento fundamental da sinceridade, é um elemento fundamental do método da confissão.

Na medida em que você tem idéia de qual é o coeficiente de determinismo e liberdade dentro da sua vida, você vê que discutir teoricamente a questão de determinismo e liberdade é uma perda de tempo, é uma leviandade porque o método correto consiste em investigar como essas duas coisas aparecem realmente na sua vida: o que está determinado na sua vida e não pode ser modificado e onde você ainda tem um espaço em aberto para você escolher. Muita gente gosta de discutir determinismo e liberdade, mas como você vai discutir conceitos gerais de determinismo e liberdade se você não é capaz de reconhecer esses elementos quando eles aparecem na sua própria experiência? Então é como a pessoa que fizesse mil teorias sobre as vacas, mas quando você mostra uma vaca para ele, ele não sabe o que é.

Então, esses debatedores de questões filosóficas gerais são todos uns masturbadores mentais incorrigíveis. “Ah, existe o determinismo e existe a liberdade”, eu digo: examine na sua vida. Existem elementos que são determinados, por exemplo, você nasceu dentro de uma determinada família e não de outra, você nasceu numa classe social e não em outra, você nasceu de uma raça e não de outra, você nasceu com determinadas características biofísicas que não vão mudar, você nasceu com um código genético determinado, tudo isso está determinado. Se tudo estivesse determinado, você não poderia sequer perceber que está determinado. E se nada estivesse determinado, também não. Então essas duas coisas, o determinismo e a liberdade, se misturam na sua vida de uma maneira muito intrincada e muito sutil, e é ali que você tem de investigar. Por exemplo, você ter a consciência do que você ainda pode fazer a cada momento da sua vida e o que você não pode modificar mais. Se você não tem nem esta consciência, então, primeiro, você não tem domínio nenhum sobre a sua vida e, em segundo lugar, você não tem a menor idéia de como é a busca da verdade.

Estão entendendo o que é o método da confissão? O método da confissão é tudo em filosofia. Eu que dei esse nome para ele, não quer dizer que eu inventei, os caras estão praticando isso desde Sócrates. Nem todos os filósofos que o praticam estão conscientes de que o que eles estão fazendo é uma confissão. Por exemplo, Edmund Husserl não diz isso em parte alguma, mas é isso que ele está fazendo o tempo todo. Todo o edifício da fenomenologia com os seus acertos e erros não se baseia no método fenomenológico, mas naquilo que fundamenta o método fenomenológico, [01:50:00] que é a possibilidade da confissão. Se não existisse sinceridade, a fenomenologia seria impossível e tudo na vida seria apenas troca de opiniões, troca de figurinhas, ou seja, você apresenta a sua própria mentira e eu troco pela minha. Então não haveria este problema aqui que o Adalberto levanta: como se faz para buscar a verdade? O simples fato de você colocar esta pergunta mostra que algo você sabe da verdade. Agora, se você tentar saltar direto para a discussão filosófica

abstrata, já está perdido. Você tem de buscar a verdade na situação concreta, na sua pessoal, e naquilo que você sabe que fez.

Por exemplo, eu me lembro que só bati no meu filho Pedro uma única vez. Estava trabalhando e ele veio, mexeu na minha cadeira giratória e quebrou a cadeira, e eu precisando entregar um serviço urgente ali e tal. Fiquei nervoso, dei duas palmadas no Pedro. Depois eu perguntei para mim mesmo: eu castiguei o Pedro para melhorá-lo ou simplesmente descarreguei a minha raiva em cima dele? A resposta foi: eu não tive nenhuma preocupação pedagógica em momento algum, essa idéia nem me passou pela cabeça. E daí eu me perguntei: mas isso é meio de educar um filho? É muito errado fazer isso. Eu não sou contra bater em criança, eu acho que às vezes deve bater, desde que você tenha um intuito pedagógico claro e não seja apenas uma explosão. Então, esse é um exemplo: a ação foi minha, eu a pratiquei e só eu sei por que a pratiquei. Agora, eu poderia depois fazer um belo discurso defendendo as punições físicas em geral e me persuadir de que eu agi muito bem. Mesmo que as punições físicas fossem certas, que eu acredito que em certos casos são, naquele caso concreto não era disso que se tratava. Isso quer dizer que na educação do meu filho, Pedro, o castigo físico entrou em proporção zero, porque a única vez que eu lhe dei um castigo não foi por motivo pedagógicos e não teve efeito pedagógico algum. Vocês que têm filho em casa já fizeram essa pergunta? Bati no meu filho sem raiva, com amor no coração, para ensiná-lo, para vencer uma resistência que ele tinha. Foi isso que você fez? Na maior parte dos casos não é isso. Então quer dizer que, moralmente falando, a gente não tinha direito nenhum de bater nessas crianças. Esse é só um exemplo.

Então, tome como modelo alguma ação que você considere vergonhosa. Não precisa ser uma grande vergonha, uma pequena como essa serve de modelo. Também você pode analisar o coeficiente de liberdade e de compulsão que existiu nessa ação. Quer dizer, você naquele momento agiu por uma escolha livre, pensada, ou simplesmente obedeceu a uma compulsão, isto é, um determinismo psicológico? Então vá pesando essas coisas na sua vida concreta e depois de você praticar isso um tempo, você vai ver que esse foi o método de todos os filósofos, porque acho não existe outro. Se eu não sou capaz de dizer a verdade sobre mim mesmo, é melhor ficar quieto com relação ao resto.

Aluno: Professor Olavo, parabéns pela brilhante participação no debate Olavo - Duguin. A sua superioridade intelectual é evidente e indiscutível (...)

Olavo: Não é muito difícil ser superior ao Duguin porque, embora ele seja um homem extremamente inteligente, ele não está empenhado na busca da verdade, de maneira alguma. O que ele fez é o seguinte: o Duguin é um patriota russo que vê a sua nação em frangalhos e inventou um truque para tirá-la do atoleiro. Tanto que, você veja, ele não era eurasiiano no começo, ele era um nacional-bolchevique. O que é um nacional-bolchevique? É um patriota que quer juntar todas as forças para levantar a Rússia, só isso. Depois que ele descobriu: "Opa, a Rússia sozinha não vai conseguir, então precisamos juntar mais gente", então chama os chineses, chama os islâmicos, chama os fascistas, chama os nazistas, chama os comunistas, chama tudo o que não

presta, ajunta todas as máfias e, em seguida, o que você faz? Você coleciona um monte de clichês que pegou de cada um e costura um clichê no outro, de modo que você fale a todos os corações e que você consiga envolver todo mundo no grande empreendimento que, no fim da contas, só visa uma coisa: tirar a Rússia do buraco. Então é claro que ele não está falando a verdade, é claro que ele está mentindo. Então não é um problema de superioridade intelectual, é um problema que eu estou entrando ali no debate com uma superioridade moral monstruosa. Ele tem uma agenda para defender e eu não tenho nenhuma, eu posso dizer a verdade, ele não pode. Não é nem mérito meu dizer a verdade, é simples obrigação, obrigação porque eu posso. Mas, na posição em que ele está, ele tem de honrar a camiseta.

(...) Li recentemente a longa discussão no fórum do Seminário a partir da pergunta da Celina Vieira: por que o homossexualismo é pecado? A resposta foi que o senhor desconhece mesmo o fundamento e em filosofia é preciso distinguir fundamento de argumento. Gostaria de pedir um exemplo concreto de um e de outro.

Olavo: Evidentemente, todo argumento se funda em alguma coisa, todo argumento se funda numa premissa anterior que não está em discussão. Então, só quando você encontra aquele fundo que não está em discussão e que não pode ser discutido, aí você encontrou um fundamento. Por exemplo, eu lhe digo que esse método da confissão é um fundamento da fenomenologia ainda que seja um fundamento não declarado, então tudo o que se constrói na fenomenologia está fundamentado numa condição *sine qua non*. Então como você vai fazer a descrição do modo de apresentação de um objeto de conhecimento e distingui-lo do que foram interpretações superpostas, se a sua memória não é fiel e se você não é fiel a sua memória? É absolutamente impossível. Então esse é um caso de fundamento: é uma condição *sine qua non*, é uma coisa que não pode mais ser discutida.

Agora, é claro, o fundamento último da condenação ao homossexualismo é o mesmo motivo da condenação ao adultério e de uma série de outras atividades, vamos chamar assim. E este motivo é muito simples: a essência de Deus é o amor, o amor ilimitado e incondicional às suas criaturas. O ser humano, em virtude de uma escolha que ele fez — voltamos à questão do determinismo, quer dizer, houve uma escolha —, essa escolha então fechou determinadas portas, isso muito tempo atrás, e esta escolha tem uma dimensão antropológica. Quer dizer que os nossos antepassados optaram por viver uma vida puramente humana, acharam desconfortável você viver na escala divina, na escala da infinitude, e optaram por uma vida humana onde eles se sentiam senhores da situação. A partir daí, nos tornamos incapazes do amor divino, e o nosso amor vem sempre misturado com elementos de egoísmo. Isso quer dizer que todo amor humano é necessariamente impuro: ele é meio amor e meio simples desejo de poder. [02:00:00] Todo e qualquer amor humano: homossexual, heterossexual, amor pelos animais, amor pelos seus bens, amor pela sua casa, amor pela sua mãe, pela sua avó, pela sua tia — todos, todos, todos estão sujos, um não está mais sujo do que o outro.

Em vista disso, o próprio Cristo instituiu uma série de atos que te fazem participante do perdão universal. Esses atos chamam-se “sacramentos”. Um deles é o casamento. Isso não quer dizer que você se casando o seu amor pela sua esposa vai se tornar puríssimo como se fosse o amor de Jesus Cristo pela sua Igreja; não, você ainda vai estar contaminado com elemento de egoísmo, de medo, de poder, tem tudo isso misturado. Só que você já está perdoado em princípio; é só continuar, manter aquilo na fidelidade da Igreja e você está perdoado.

O homossexualismo é pecado por quê? Porque todo nosso amor humano é pecado e só não é pecado aquele que o Cristo abençoou. Não é simples? Não é porque o cara é do mesmo sexo, ou porque é uma tartaruga ou um porco-espinho, não é porque isso, é porque tudo já está contaminado. Eu acho que aí essa explicação basta, a gente pode aprofundar isso outro dia.

Então, eu acho que hoje já deu. Já são 8:30, aí são 10:30 da noite. Então, por hoje é só. Até a semana que vem, muito obrigado. E parabéns ao Silvio Grimaldo que está fazendo aniversário hoje, o nosso gerente e cúmplice.

Transcrição: Jussara Reis de Abreu, 26/04/2011 [jussarareis10@gmail.com ou jussabreu@hotmail.com]

Pré-Revisão: Alexandre Magno